

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES

Valéria Bender Lang

**DESENHOS COTIDIANOS: diálogos sobre arte e utopia, a partir da educação
para as relações étnico raciais**



Porto Alegre

2023

Valéria Bender Lang

**DESENHOS COTIDIANOS: diálogos sobre arte e utopia, a partir da educação
para as relações étnico raciais**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial e obrigatório
para a obtenção do título Licenciatura em
Artes Visuais.

Porto Alegre

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES

CIP - Catalogação na Publicação

Bender Lang, Valéria
DESENHOS COTIDIANOS: Diálogos sobre arte e utopia,
a partir da educação para as relações étnico raciais /
Valéria Bender Lang. -- 2023.
48 f.
Orientadora: Marina Câmara.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2023.

1. Desenho. 2. Arte. 3. Educação étnico racial. 4.
Poéticas Visuais. 5. Educação. I. Câmara, Marina,
orient. II. Título.

Valéria Bender Lang

**DESENHOS COTIDIANOS: diálogos sobre arte e utopia, a partir da educação
para as relações étnico raciais**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial e obrigatório
para a obtenção do título Licenciatura em
Artes Visuais.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Marina Câmara

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Gladis Kaercher

Prof.^a Dr.^a Adriane Hernandez

RESUMO

A presente pesquisa é um reflexo de minha trajetória enquanto artista e arte educadora. Tem como objetivo compreender meus papéis no campo da arte, tendo como base a educação para as relações étnico raciais. Através do mapeamento de desenhos cotidianos são criados diálogos comigo mesma, com quem me lê e com quem me ensina. São trânsitos acerca dos lugares que me fazem, onde adotei o desenho como ponto de partida. A metodologia foi construída a partir de uma cartografia palavreada, onde busco compreender que relações se desenham nestes lugares os quais transito, seja na escola, casa de acolhimento ou universidade. Ao longo da escrita surgem questões e rupturas entrelaçadas aos referenciais teórico artísticos que apontam caminhos possíveis. Não houve audácia em definir certezas, o nascimento de cada pergunta foi uma semente plantada. Como em um processo cartográfico, não há linearidade, não há um único ponto de chegada. As respostas e resultados extrapolam a ordem do tempo, se encontram em movimento e na contínua utopia de criação.

Palavras-chave: arte; educação para as relações étnico raciais; desenho; cartografia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Registros do caminho, ateliê de desenho, 2019.....	8
Figura 2: Perspectiva geográfica da passagem.....	11
Figura 3: Inscrição em caracteres pseudo-sabeanos de Wa'Zaba (século VI)	13
Figura 4: Autorretrato e texto “planeta legal”, 2003	14
Figura 5: Zine Maternagem, colagem de fotografias analógicas, 2020	17
Figura 6: Imagem da performance Axexê da Negra, de Renata Felinto	18
Figura 7: Casa ateliê, 2023	19
Figura 8: Casa de acolhimento - desenhando a gente, retratos em duplas, junho de 2023	23
Figura 9: Entardecer no abrigo, maio de 2023.....	27
Figura 10: Recortes da infância, Colagem sobre madeira, 2020.....	28
Figura 11: Quem me ensina. Argila, carvão e giz sobre papel, 66 x 96,5 cm, 2022	30
Figura 12: Quem me ensina (em processo), 2023.....	31
Figura 13: Pitangas da vó, Cerro Largo - RS, 2021.....	32
Figura 14: Estudo sobre territórios I, colagem e carvão sobre papel, 60 x 90 cm, 2019.....	34
Figura 15: Estudo sobre territórios II, carvão sobre papel, 60 x 90 cm, 2019	35
Figura 16: Série Eu ainda acredito, Alisson Damasceno, acrílica e látex sobre tecido, 160x120 cm, 2022.....	37
Figura 17: Zine Quem inventou a Religião de Matriz Afro? Desenvolvido durante a bolsa de extensão CAPES no Colégio Aplicação UFRGS, 2019.....	39
Figura 18: Registros do projeto desenvolvido na disciplina de Estágio II: Zine como disparador de aprendizagem para conhecer trajetórias artísticas a partir de uma perspectiva decolonial, junho de 2022.....	40
Figura 19: Desenho de observação e aquarela - flores do maracujá, 2022.....	41
Figura 20: Pintando mundos, 2022	41
Figura 21: Projeto a gente de barro, 2022	42
Figura 22: Limites. Acrílico, carvão e esmalte sobre tela, 60x90cm, 2023.....	43
Figura 23: Jaider Esbell, Maikan and Tukui (Raposas e Beija-flores), 2020	45

SUMÁRIO

1. DESENHO COMO PONTO DE PARTIDA.....	8
1.1 Minhas cordas.....	9
2. DESENHOS COTIDIANOS.....	11
2.1 Antes.....	11
2.2 Agora	19
3. QUAIS MEUS PAPÉIS ENQUANTO ARTISTA E PROFESSORA DE ARTES? .	27
3.1 Quem me ensina.....	27
3.2 Por que educação étnico racial como base?	32
3.3 Experiências e práticas educativas na escola.....	36
3.4 Desenho como ponto de chegada	43
REFERÊNCIAS.....	46

1. DESENHO COMO PONTO DE PARTIDA

*Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber.
Chico César*

Figura 1: Registros do caminho, ateliê de desenho, 2019



Fonte: Acervo da autora.

A presente pesquisa é um reflexo de minha trajetória enquanto artista e arte educadora. É uma busca por compreender meus papéis no campo da arte e educação, que se expande e desloca meus passos para uma jornada infinita de questionamentos e movimento. Foi através do papel que encontrei um caminho. Sempre tive apreço pelo desenho, pela palavra, mas nunca fui de falar muito. O papel em si, enquanto material, muitas vezes se transformou em um espaço de desabafo e abraço, onde teço histórias, percursos, desvios, recortes. São pedaços de mim e da gente. No início do curso de Artes Visuais, o ateliê de desenho foi um grande acolhedor de sonhos. Agora, depois de 4 anos, consigo compreender alguns dos aprendizados que nele nasceram. Acredito que o desenho tenha sido a origem desta pesquisa, pois através dele investigo poeticamente maneiras de ser, pensar e enxergar o mundo. Expresso através dos traços e gestualidades tudo aquilo que me engasga, que não cabe nas palavras, que extrapola a racionalidade cotidiana. O papel se transformou de um ponto de partida, em um território. Um espaço seguro, onde

alimento indagações sobre o funcionamento de nossa sociedade, sobre as estruturas de poder que nos constroem por dentro e por fora, moldando nosso pensamento. E nele expresso percursos, rotas, encontro soluções e cada vez nascem mais perguntas.

1.1 Minhas cordas

*O desenho é uma estrutura de pensamento.
Stela Barbieri*

Para compreensão de quem me lê, neste subcapítulo explico como a pesquisa está estruturada, no intuito de trazer nitidez ao percurso que nas próximas páginas foi traçado. Sempre desenhei, desde que me entendo por gente e, na escolha por um tema de conclusão de curso, esmiuçei o emaranhado de rabiscos que me fizeram ser quem sou. E, ao longo deste caminho de criar uma monografia, faço uma análise pessoal, percorri desde minha infância até chegar no hoje, elencando fragmentos, pedaços de papéis desenhados, que me auxiliam a dar sentido à escrita. Concomitantemente, relaciono estes fragmentos que se dão em distintos lugares, seja em casa, na rua, no ateliê, na escola, no trabalho, com referenciais teóricos e artísticos, que estruturam a pesquisa como um todo. Busco me compreender enquanto artista e professora e isso se dá a partir da criação, portanto, em uma espécie de diálogo comigo mesma, contigo que me lê, e com as referências que alimentam e sustentam tudo que nasce nestes papéis.

Reuni desenhos de quando eu era pequena, de quando estava crescendo e depois de crescida. Procurei sentidos em minha produção e encontrei rotas em construção. Sigo na busca baseando-me também em produções de artistas contemporâneos com os quais me identifico. Essas identificações são explicadas e tensionadas ao longo da escrita. Para tanto, estou aliada, primordialmente, à artista e pesquisadora Renata Felinto (2017), ao artista e intelectual Abdias Nascimento (2018), ao antropólogo congolês Kabengele Munanga (ano) e, a pensadora e professora bell hooks (2000), as quais me ensinam a enxergar o mundo com outros olhos. São minhas cordas (Mossi, 2016), que estruturam meu pensamento¹ e me dão

¹ Aqui, interpreto a palavra a partir dos escritos de bell hooks: "Pensar é uma ação. Para todas as

fôlego para seguir adiante. Parto de suas perspectivas para elaborar uma pesquisa que seja uma pequena fissura, diante de um modelo educacional tão enrijecido, cinza e concreto.

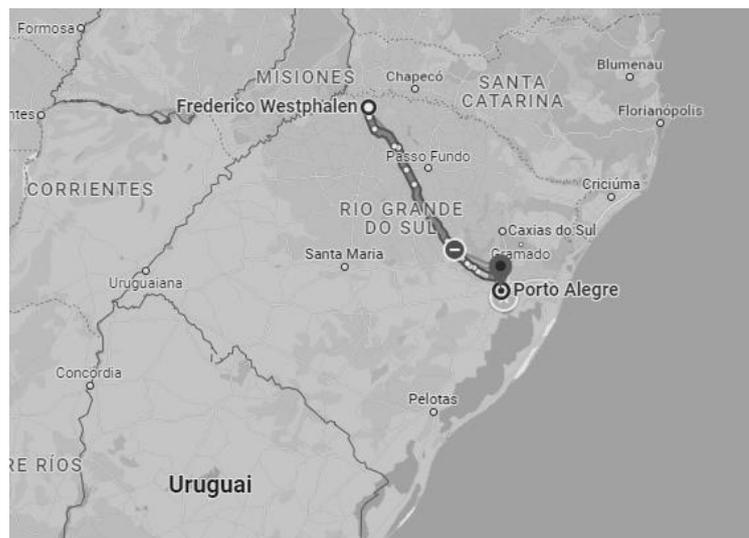
para pessoas que pretendem ser intelectuais, os pensamentos são laboratórios, onde se vai para formular perguntas e encontrar respostas, o lugar onde se unem visões de teoria e prática. O cerne do pensamento crítico é o anseio por saber - por compreender o funcionamento da vida” (Hooks, 2020, p. 31).

2. DESENHOS COTIDIANOS

2.1 Antes

Quando eu era pequena, nunca entendia porque a gente grande toda que me cercava não tinha tempo pra brincar comigo. Era estranho esse tal de tempo. Eu sendo daquele tamanho, passava mais tempo na escola do que com meus pais, que trabalhavam noite e dia, e quando a gente se via carecia o tempo. E a criança exige da gente o básico do mínimo, que é viver o tempo presente. Por isso, quando começo a pensar em educação, sempre volto lá atrás. Pois nunca se é somente por hoje, é muito pelo que já se foi, ainda que a gente tenha a possibilidade de mudar certas coisas, tem coisas que não mudam nunca. Então como ia dizendo, acho que por essa ausência em casa, lembro que gostava muito de estar na escola. Era onde tudo acontecia, guardo muita coisa por dentro desse tempo, como se fossem pedaços de mim. Mesmo sem saber, estava sempre de passagem. É que nasci no interior, numa cidade bem pequena, perto da Argentina e perto de Santa Catarina, quase fronteira.

Figura 2: Perspectiva geográfica da passagem



Fonte: Google Maps (2023).

E conforme iam passando os anos, nos mudamos algumas vezes, até chegar na cidade em que vivo hoje. Observava os caminhos e desenhos que a estrada fazia entre o mato e o céu, admirava pela janela as paisagens que de relance me instigavam. Deve ser que por dentro da gente existe uma coisa a mais, eu acredito

bastante. Lá depois de passar o coração, que integra a gente como um todo, mas não é de material nenhum. Junta o que a gente já viveu, seja qual for a lonjura do passado integralmente com o agora. E por se tratar de entender lá atrás, sempre na escola me encucava com as aulas de história. Até hoje guardo com carinho o que aprendi com meu professor. Alexandre seu nome. Sou grata aos seus ensinamentos. Uma das figuras que me inspirou a ser professora. O jeito que ele nos contava a matéria. Falava da revolução mineira, do império otomano, da guerra fria, seja qual assunto fosse, como se estivesse trazendo tudo aquilo bem na nossa frente, no meio da sala de aula.

Tem algo a ver com cativar a atenção para o presente, só que falando do que já passou. O passado histórico do mundo não se desvincula nunca do que somos hoje. Desde o início das civilizações, havia sede por comunicação, basta atentar até mesmo para o nascimento dos primeiros alfabetos, que se deu através do desenho, no continente africano:

É da irremediável necessidade de se comunicar que a humanidade se instrumentaliza da Escrita. Devemos aos povos da Mesopotâmia, especialmente aos Sumérios, a invenção da Escrita há 4.000 anos a.C. Também aos egípcios – africanos, portanto – que desenvolveram seus hieróglifos; aos fenícios, que criaram o primeiro alfabeto, que se completou com a contribuição grega, chegando a esse padrão alfabético que conhecemos hoje (Santana, 2014, documento eletrônico).²

² Olívia Santana é pedagoga, conselheira nacional da Unegro e autora da Lei Municipal de Incentivo ao Livro e à Cultura da Leitura, da cidade de Salvador.

Figura 3: Inscrição em caracteres pseudo-sabeanos de Wa'Zaba (século VI)

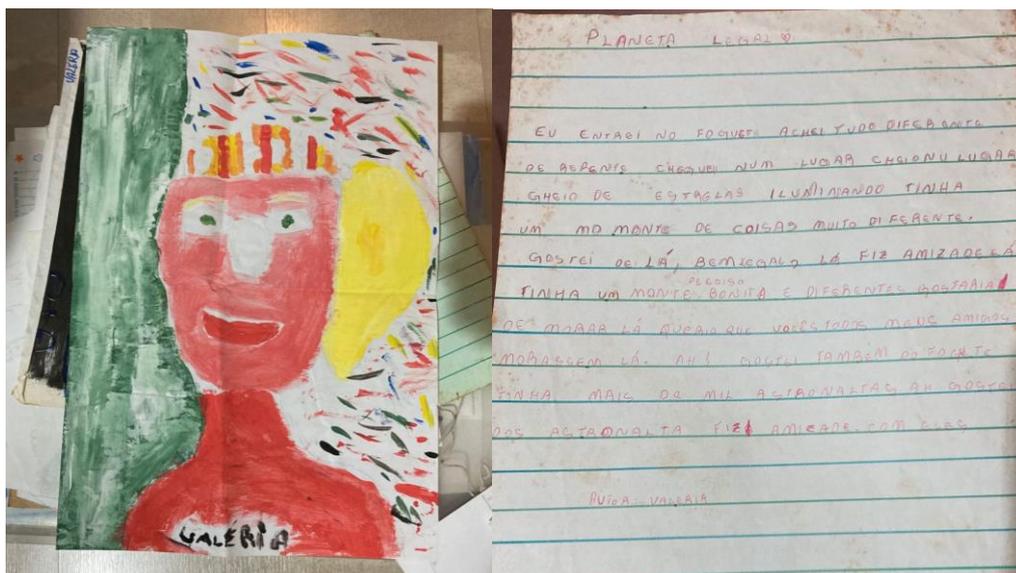


Fonte: Instituto Etíope de Arqueologia (2010, documento eletrônico).

Onde e com aquilo que dava. Vai na pedra mesmo. Estrutura primordial. Seja do animal, da pessoa, do espaço em que se estava, comunicar o que se vive sempre foi uma necessidade nossa, da gente. E eu que já fui, me comunico com aquela pessoa pequeninha, que tinha sede por brincadeira. Hoje as sedes são outras, mas continuo brincando, ainda bem que escrevendo a gente pode até voltar no tempo. Ré na palavra.

Já de pequena desenhava, minha mãe guardou um punhado de folhas cheias de rabiscos e pinturas. Também tinha apreço pela escrita, era curiosa com a caligrafia e com os diversos jeitos de se desenhar no mundo.

Figura 4: Autorretrato e texto “planeta legal”, 2003



Fonte: Acervo da autora.

Quando encontrei essa pintura (fig. 4) me vieram no pensamento muitas conexões. Ainda é assim que me vejo. Pele branca, puxada pro rosa, cabelo loiro, olho claro. A montanha de fundo achei foi curioso, pois pelo mato sempre fui encantada.

No entanto, trago essa questão da cor da pele, entrelaçada com o pensar, pois, sendo brancos, não nos damos conta (ou damos e usufruímos) do quanto nosso pensamento é, portanto, branco. Por mais óbvio que possa soar, a questão de uma identidade branca³, é por nós tida como “normal”. Ao fazer uma auto análise, percebo que crescer convivendo majoritariamente com pessoas brancas, a partir de uma educação imersa na cultura de colonização alemã, frequentando a escola com a maioria branca, aprendendo a partir de um currículo com referências brancas e eurocêntricas em sua totalidade, praticamente desde a educação infantil, ensino básico e superior, começou a me soar estranho quando conheci a capoeira angola. Me refiro a esta arte, filosofia de vida, com um tom de infinito agradecimento, sem o intuito e pretensão de me aprofundar em suas perspectivas, mas com o objetivo de explicitar na escrita a importância de aprender a partir de pontos de vista diversos, que não pautados na branquitude⁴. E, nessa busca por compreender meus papéis

³ “De fato, o ser branco é uma grande e insuperável contradição: só se é “branco” na medida em que se nega a própria identidade enquanto branco, que se nega ser portador de uma raça. Ser branco é atribuir identidade racial aos outros e não ter uma. É uma raça que não tem raça” (Almeida, 2019, p. 78).

enquanto artista e professora, vejo muita responsabilidade em mãos. Ensinar é uma tarefa que exige uma autocrítica constante. Já que não se trata de entrar na escola, nosso espaço de trabalho, com o intuito de “transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua construção”, parafraseando Paulo Freire (2021). E como, então, criar possibilidades de compreensão das artes visuais, a partir de uma perspectiva que não perpetue a branquitude⁴? Essa foi uma pergunta que me fiz ao longo da graduação, que seguirá de lá pra trás e daqui pra frente, acredito eu. É curioso esse tempo.

“Nosso compromisso envolve enxergar a arte como forma de pensamento”, disse minha professora Luciana Luponte, autora de tese sobre docência artista (Luponte, 2005), em uma aula de estágio. E ressoou aqui dentro. Pois se afinal de contas meu papel é ensinar a pensar, que jeito é esse de pensar o mundo que nos ensinam na escola? Um pensar amarrado, branco feito folha de ofício, literalmente. Aulas de artes observadas, muitas folhas encaixotadas. Trabalhos sempre nos mesmos formatos. Pontilhismo pra cá, desenho livre pra lá. Na aula de artes a gente não faz nada sora, vem jogar detetive com a gente. O que aconteceu com a figura que ensina? Como aprendeu a ensinar? Aprende quando ensina? Ensina quando aprende?

Vejo professores sem fôlego, cansados, imersos em uma rotina surreal de trabalho. Salários atrasados, ausência de incentivo. Meu pai me pergunta que tanto eu aprendo nessa faculdade de artes. “Por que tu quer ser professora, trabalhar que nem uma condenada e ganhar uma miséria? “Porque escolhi o avesso de repente”.

Sabe quando se diz pra criança: faz assim, ela vai lá e faz assado. Por esse lado, ela vai pelo outro. Subverte o jeito único de fazer. Pois não existe jamais uma fórmula. E a decisão em ser professora passou por essas reflexões, de enxergar aqui uma profissão que está em movimento, pulsando, e se recria a partir do que os alunos são, foram, deixaram de ser e ainda serão. É um ponto de encontro, de ti comigo, de mim contigo, de ti contigo, de mim comigo.

Nestes encontros, a sala de aula é um território que se constrói conforme a identidade étnico racial dos alunos, as histórias que carregam, suas diferentes origens

⁴ A branquitude pode ser definida como “uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade” (Almeida, 2019, p. 75).

e maneiras de se desenhar no espaço. Como então, ocupando o cargo de professora, vou planejar as aulas a partir de um único ponto de vista? Talvez essa monografia possa ser considerada como um ensaio, no qual as perguntas lançadas não possuem respostas prontas e que, suas formulações estão acontecendo de acordo com as experiências na escola. Cada vez que entro no portão, nesse lugar cheio de travessias e desafios, encontro pedaços de respostas. Nunca completas, sempre em construção. Fim não tem.

Também, na busca por respostas, sempre considerando o contexto histórico do Brasil, encontrei amparo em uma referência artística e teórica que explicita com muita lucidez o funcionamento de nossa sociedade. Sua maneira de enxergar o mundo e fazer história nunca chegou na minha escola. Nas aulas de artes deveria ser tão essencial quanto Picasso, Salvador Dali, Tarsila do Amaral. Pois o passado é cheio de controvérsias e, Abdias Nascimento⁵ as escancara.

Trago um trecho que se relaciona com o anteriormente mencionado pensar branco, auxiliando a compreender de maneira ampla a estrutura de um pensamento que se disseminou ao longo dos tempos e, está enraizado na gente:

Além dos órgãos do poder - o governo, as leis, o capital, as forças armadas, a polícia - as classes dominantes brancas tem à sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo, as várias formas de comunicação de massas - a imprensa, o rádio, a televisão - a produção literária. Todos esses instrumentos estão a serviço dos interesses das classes no poder e são usados para destruir o negro como pessoa e como criador e condutor de uma cultura própria (Nascimento, 2018, p. 112).

Outro ponto importante que também me fez mudar de rota, foi ter virado mãe. Não posso deixar de compartilhar este fato, pois meu passarinho é um dos grandes motivos pelos quais desenvolvo esta pesquisa. É quem mais me ensina, cotidianamente, a ser quem sou.

⁵ Poeta, escritor, dramaturgo, artista visual e ativista pan-africanista, fundou o Teatro Experimental do Negro e o projeto Museu de Arte Negra. Suas pinturas, largamente exibidas dentro e fora do Brasil, exploram o legado cultural africano no contexto do combate ao racismo. Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York, foi deputado federal, senador da República e secretário do governo do Estado do Rio de Janeiro.

Figura 5: Zine Maternagem, colagem de fotografias analógicas, 2020



Fonte: Acervo da autora.

Novos desenhos no espaço, quando dois corpos ocupam o mesmo lugar, mudam nossas perspectivas. Uma gestação remodela o pensamento da gente. Virar mãe é um desenhar contínuo que é desfeito e refeito a cada dia. A escolha de onde por mais cor, focar nas sombras, o lugar exato onde encaixa cada traço, proporcionalidade, estrutura, base. A origem da comunicação. Primórdios da vida.

Entretanto, por ser fruto de uma relação inter racial, todas estas questões de raça, etnia, cor da pele, maneiras de lidar com a branquitude, com o racismo, foram ressaltadas. Conversar sobre identidade étnico racial é extremamente urgente e necessário, mas ainda é um tabu imenso. Dialogar abertamente sobre racismos escondidos no fundo de olhares, silenciamentos, comentários incômodos, gera desconforto, recusa, estranhamento. Não fomos ensinados a pensar de um jeito abrangente, racialmente falando. Efeitos colonizatórios. São pontos que conectam caminhos. E, nesse entrelaçar de eixos, familiares, escolares, acadêmicos, me identifiquei com uma artista a qual tenho aprendido muito, chamada Renata Felinto. Trago o exemplo Axexê da Negra⁶, no qual a artista cria uma performance a partir da

⁶ Axexê é a cerimônia de enterro da espiritualidade da pessoa iniciada falecida, como se fosse um “desfazimento” da iniciação dentro do candomblé nagô. Utilizamos essa palavra como um conceito, não como uma representação da cerimônia. A partir disso, propõe-se o enterro da espiritualidade coletiva de mulheres negras que foram amas de leite no Brasil escravocrata a partir de reproduções impressas. Uma reprodução da pintura “A Negra” (1923), cuja modelo foi a ama de leite da autora da

obra de Tarsila do Amaral, tão usualmente disseminada e, utilizada nas aulas de artes de maneira superficial. Geralmente são feitas releituras da pintura, sem problematizar o ponto de vista da artista e os racismos enraizados presentes nessa forma de pensar e retratar a sociedade. Surgem aqui algumas perguntas: Como, na sala de aula, possibilitar diálogos sobre as diversas perspectivas da história da arte, a partir da educação para as relações étnico raciais? De quais maneiras a arte pode impulsionar os processos de aprendizagem na EREER?

Saliento a importância da educação étnico racial nas escolas, nas universidades, em casa, nas ruas. Destacando a disposição necessária para aprender a partir de perspectivas diversas, que não fundamentadas essencialmente na branquitude.

Conhecer para valorizar. A cultura indígena, afro-brasileira e africana, as histórias que as constroem e suas relações com a arte, precisam estar presentes, desde os anos iniciais, no currículo escolar. Este tema precisa se tornar cotidiano.

Figura 6: Imagem da performance *Axexê da Negra*, de Renata Felinto



Fonte: Renata Felinto (2017).

obra, Tarsila do Amaral, também é enterrada juntamente com um culto infinito aos modelos modernistas que carregam em si a gênese racista das elites escravocratas.

Estas palavras são o retrato mais sincero do que tenho vivido, uma pesquisa que é o desenho de uma trama, cheia de redes, cruzamentos, vários nós e tentativas de costura. Nunca imaginei que fosse tão complexo o funcionamento do enxergar, e o mapeamento dos caminhos desse enxergar tem sido essencialmente crucial para me reconhecer como artista e professora. E, conseqüentemente, para compreender o que, como, a partir de quais pontos de partida, ensinar. Retomar, parar, ir de novo.

2.2 Agora

Figura 7: Casa ateliê, 2023



Fonte: Acervo da autora.

Aqui a tentativa é tecer palavras sobre o que me transpassa hoje. Por exemplo, agora, em frente ao computador, tomo um mate para aquecer as ideias e iniciar o dia com a escrita. É bem cedo, mas já tem ônibus na rua, acabou de clarear o céu e os passarinhos deram uma sossegada no canto. Consegui uma troca lá no abrigo para

poder apresentar o trabalho final de pintura de tarde, e aproveito a folga para começar a escrever sobre o que acontece no cotidiano nesse lugar de trabalho que é tão complexo. Um dos objetivos desta pesquisa é compreender quais meus papéis enquanto artista e professora de artes. Pois aqui, transcrevo pedaços de trânsitos. São paragens, passagens. Ao passo em que sou estudante e traço caminhos na universidade, sou mãe, me reinventando infinito ao mergulhar na maternidade. Sou artista, em um vagaroso processo de autodescoberta, sou professora de artes, borbulhando ideias e projetos cabulosos na escola e, sou educadora social, imersa em uma densa rotina num lugar chamado abrigo. Portanto, aqui, transito entre estes mencionados lugares, buscando interpretá-los através do desenho palavreado, para que, ao longo destas páginas, seja possível mapear meu percurso investigativo.

Cabe destacar também que a escolha em trazer para a escrita relatos do cotidiano em uma casa de acolhimento⁷, foram repensados e apagados diversas vezes, diante da alta complexidade e do cuidado em preservar a identidade das crianças e suas famílias. Enquanto pessoa, sou o oposto da palavra metódica. É custoso separar e compartimentar experiências, pois elas não são feito terra, que é sólida e se concretiza com facilidade. As vejo como água, por vezes densa, turva, por outras transparentes e cristalinas, matéria que escorre, transborda, transpassa. Seria falta de coerência escrever uma pesquisa sobre educação e não mencionar o que neste lugar tenho vivido, pois após adentrá-lo, mudei completamente a maneira de enxergar tanto a mim mesma, quanto a sociedade que nos tece.

A narrativa se dá a partir de histórias que se entrelaçaram em meu peito, estão guardadas e seguem a me transformar. Não há referência a nenhum nome, justo por esses motivos acima mencionados.

Se escuto essa palavra, abrigo, me lembro de abraço, daquele bem apertado, onde me sinto segura, mesmo que o mundo pareça estar terminando. Fosse somente pela interpretação poética o caminho seria certamente interessante. Porém existem tantos pontos de vista que infelizmente não há como fugir das estruturas que regem

⁷ “É um serviço que integra o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) em sua alta complexidade e tem a função de assegurar todos os direitos garantidos às crianças e adolescentes. O encaminhamento da criança e do adolescente para o serviço de acolhimento institucional ocorre quando foram esgotados todos os recursos para manutenção dos vínculos da família de origem e extensa; e quando a permanência na convivência familiar cause impactos e danos para o campo psicossocial e físico da criança e do adolescente, como por exemplo, situações de violência e negligência” (Brasil, 2009, p. 18).

uma instituição. E então esse abrigo lugar de acolhimento se torna endurecido, fervoroso por assim dizer, pois conflitos são parte da rotina, acontecem a praticamente todo tempo, e a dureza com a qual se lida com tudo se dá por motivos óbvios de estabelecer limites entre aqui e ali. Aqui sou eu, ali é ela. Ou ele. Ou elx. Criança pequena, bebê de colo, adolescente. Pode ser qualquer pessoa. Dos 0 aos 17 anos. Chego na sala para fazer o acolhimento. Bom dia prazer sou educadora aqui no abrigo. Como é teu nome? E o que aconteceu contigo pra tu vir parar aqui? É que eu fiz coisa errada. Errado como? Ah é que eu fugi de casa. 11 anos. Não estava indo pra escola com frequência. Eu fiz mais coisas, só que eu não posso contar. Meu bem, preciso que tu seja mais direto. É que minha mãe ta braba comigo. Não quis me contar mais nada. Converso com outro educador. Veio pois o pai não sabe o que fazer, filho é combativo, tem episódios de agressividade. Volto para a sala, explico que aqui temos bastante gente, que temos regras a serem seguidas, lhe conto quais, dou uma olhada na mochila, tem que anotar tudo que traz. Lágrima escorrendo no rosto. Vem comigo, aqui toalha, tu vai tomar um banho. Abro a grade voltando para as casas, uma gritaria, fuzuê, o sora quem é que tá chegando? O sora minha garganta tá doendo, tem como tu ver um remédio pra mim?

Isso tinha sido no hoje de ontem. O agora de hoje é novamente mais uma manhã que se inicia. Um limbo no meio, entre ontem e agora. Quanta coisa pode acontecer nesse tempo. Deixei meu filho na escola e fui trabalhar. Da manhã do tanto que me transpassou, ficou a conversa que tive com uma moça que está prestes a explodir. Chegou faz alguns dias e está sem suas medicações. Me contou que precisa dos remédios pois está com medo de se descontrolar. Estar neste lugar intensifica ao extremo o sentimento que se tem por dentro. O pouco vira muito e toda informação que se escuta é valiosa. O fluxo da comunicação é perverso, pois cada um age conforme seus princípios básicos fundamentados a maior parte das vezes, no egocentrismo. Mas dando sequência a história, perguntei do que ela mais estava sentindo falta lá fora, ela disse ah sora, de fazer a minha sem ter ninguém para dar satisfação. Contou que quando sua mãe era viva as duas se enlouqueciam, aprontaram muito juntas. Ano passado foi morta dentro de sua casa, por não sei quantos tiros, aos 36 anos de idade. Contou também que aos 12 foi abusada e por isso começou a tomar os remédios, lítio, fluoxetina, quetiapina e mais outro que não lembro o nome. Para ansiedade e depressão. Disse que a levaram para o psiquiatra e esse foi o direcionamento. Enquanto a gente conversava, eu por dentro pensei na

estrutura injusta que lá do alto dita regras e cria o regimento do mundo. Vai me dizer que a solução para um abuso é diagnosticar uma pessoa com tal transtorno e receitar remédio? Que jeito é esse de resolver as coisas? Ba sora, eu não aguento mais tá me dando muita raiva, eu não sei mais o que fazer, não quero descontar nos outros, faz 4 noites que não durmo direito, me ajuda sora, todo mundo diz que vai ver e ninguém resolve. Por mim eu ligava pra família, já pedia a receita e ia buscar os remédios todos. Mas primeiro que ao educador cabe acolher a pessoa que chega, que está ali de passagem. O contato com o externo é a equipe técnica. Que como o nome diz, é papo reto, direto ao ponto. Segundo que existem milhões de demandas, cada qual com seu nível de importância. Terceiro que uma fala de antigamente se repete na minha cabeça, tu não pode abraçar o mundo, não dá pra fazer tudo. Ué como que não, se eu quero abraçar, qual o problema? Todos, pois isso esgota a gente pelos cantos e redondezas do corpo. Saber fazer o que está ao meu alcance tem sido um desafio diário. Inclusive pois enquanto escrevo aqui, me vem à mente a imagem do bebê que chegou faz pouco, daquele olhar sereno que foi de encontro ao meu. Chora não bebê, ô educadora não pode ficar muito tempo com ele no colo, tu sabe das regras. Mas ele tem 9 meses, estava mamando no peito, ele precisa desse aconchego. Só que a gente está entre poucos, são 30 crianças pra cuidar, tem outro bebê também e um monte de adolescente que entra em conflito o tempo todo.

Acaba que a gente, equipe de educadores, se divide e desdobra, sempre entrelaçados, para manter o controle do espaço. Todo dia é uma tentativa. Tem dia que se arrasta, tem dia que passa num piscar de olhos. E como dá pra perceber, tem gente que se apega fácil. Sou eu mesma, não fosse assim estaria mentindo. Chorei escondido quando tu foi embora. Gostava de desenhar, cantava bonito corrido de capoeira, sempre me escrevia bilhetes. Teve um dia que eu estava esgotada, de bambejar as pernas, pois há histórias contadas que me pegam e não consigo deixar passar, me transbordam. Precisei parar por uns minutos na sala do meio. Parar é algo que durante o trabalho a gente quase não faz. Não dá pra parar. Mas foi necessário naquele momento. E do nada entra ela, me puxa de pé e me dá um abraço bem apertado. Que foi gurria? Nada sora, eu só queria dizer que te amo. E assim é a nossa dinâmica. Desenhada justo como tem que ser. A gente traça rabiscos, nos olhares que se encontram, nos corpos que se identificam. Entre as palavras ditas, no diálogo que nasce com cada criança, nas ações de cada um, seja briga, seja sonho, somos todos desenhadores do tempo.

Tem vezes que chegam irmãos, ficam uns dias e já vão embora. Logo que comecei a trabalhar vieram dois manos angolanos, deu problema no visto e tiveram que ficar uma semana em acolhimento. Nesse artifício de ser educadora, se precisa estar o tempo todo observando, nascem olhos até nas costas, todo pouco que acontece é muito. E uma casa, por mais que não seja a ideal, é feita de presença, por quem nela mora. Vejo cada pessoa que por ali passa, se desenhando no espaço, neste lugar abrigo. Destes irmãos lembro seguido, me marcaram pois meu filho é também angolano. Cada pessoa mexe com a gente por alguma história que conecta com um pedaço nosso lá de dentro. Tem uma questão que me instiga bastante, que é aprender a conviver. Onde a gente aprende? A respeitar o espaço de si e do outro, a saber a hora de falar, ficar em silêncio. É ao longo da vida, acredito. Mas tem a base. Se a base bamboleia, a tendência é seguir no balanceio. Tem criança que só vai para cima, conflito atrás de conflito, por roupa, por uma caneca de leite, por um chinelo, pela bolinha de fla flu. Não aceita não, se joga no chão, grita, chora muito, chuta, joga tênis pra longe, bate porta. Fórmula não existe. Cada educador descobre e cria suas próprias artimanhas. Trabalhar no acolhimento, e também na escola, transitar por essas distintas instituições, me geram várias reflexões. Entro na sala de aula e vejo monotonia, me cansa um pouco a ausência do caótico, pois está tudo tão sob controle, em comparação ao fluxo de situações que surgem nesse outro lugar. Chego na escola e a maior das bagunças se torna pequena, diante da imensidão de conflitos que se desencadeiam em uma casa de passagem.

Figura 8: Casa de acolhimento - desenhando a gente, retratos em duplas, junho de 2023



Fonte: Acervo da autora.

No abrigo, ao mesmo tempo que é aconselhável prever as coisas, nunca se sabe o que vai acontecer, pois tudo muda muito rápido. Vou dar um exemplo de um dia qualquer: estou em casa tomando mate, a recém começando um desenho na parede, me liga o educador, será que tu poderia chegar um pouco mais cedo hoje? Cedo quanto? Daqui meia hora dá? Fechado, logo mais estou aí. Me arrumei rapidinho, comi, parti. Chego, bato o ponto. Boa tarde, primeiramente obrigado por atender nossa demanda, é uma missão viu? Tem que levar um dos gêmeos para o atendimento em saúde mental. Bora vamos, já agora? Sim, tem que ir logo para não atrasar. Pego a pasta dele na enfermagem, sora que saudade, quero conversar contigo. O meu bem depois a gente fala que estou de partida. Qual o educador que está nesta casa? Com licença, boa tarde, ba sor nem te conto, e ontem que fui fazer uma atividade aqui na casa e o gêmeo que vai pra consulta gritando de cara com a vida, chorava de espernear. 7 anos. Ele queria o desenho dele na tv e a gente estava escutando uma música para treinar, mexer o corpo. A roda estava bonita, mas o guri estava desconcertado, se desorganizou, não consegui dar continuidade pois tive que dar uma atenção especial pra ele. Mas depois falamos melhor se não a gente se atrasa. Cadê o guri, tá no banheiro, bora reparigo, vamos? Tá bem sora, tô quase pronto. Posso ver Minecraft no teu celular? Tá doido agora? Não né. Vamos pra combi. O motorista nos leva lá na zona norte, fica esperando a gente. Tira a cabeça da janela guri, te senta direitinho. Te organiza aí. Não, não dá pra ficar de pé, o motora freia tu voa lá na frente. O menino não pára quieto um segundo. Boto a mão no bolso e encontrei uma bolinha. Dessas que quica. Só pode ter sido o destino e uma ajudinha lá do céu, pois foi o entretenimento de todo o percurso, ida, espera e retorno. Cuida bem dessa bolinha, hein? Bota no olho, finge que é binóculo, sarandeia pelo banco, no chão da combi, na janela, até no teto. Rapaz, mas tu é criativo hein? Nunca tinha parado pra pensar que uma bolinha pudesse ser tão interessante. No hospital era tudo atrativo pra botar a mão e viajar na maionese. Foi no mínimo curioso acompanhar o caminhar de um menino hiperativo até chegar na consulta. Que tardou pois o psiquiatra atrasou, então ficamos nós dois na sala de espera, com um monte de outras mães e crianças. E ele com a bolinha, no chão, engatinhando, dançando, cantando, inventamos vários jogos, de fazer gol, cesta, tudo em cima da cadeira, numa tentativa de reduzir o espaço que ele precisa ocupar. Muita mas muita dificuldade em ficar parado, concentrado. O sora cê vai comigo né? Quem é ele que vai me atender? Eu vou precisar tirar sangue? Vou sim, fica tranquilo, não precisa, tu só vai conversar com

ele um pouquinho. Chegou, chama o menino, entramos na sala, um cubículo, cheio de fotos antigas, uma impressora bem atrativa. Foi direto nela, apertar todos os botões. Basta, te senta para quieto um pouco por favor. Eu não consigo sora. Deve ter durado uns 5 minutos a consulta. Ele é assim sempre? Não para quieto mesmo né? Bom e como era o comportamento antes? Já toma medicação? Ah pois é, então vamos aumentar a dose da Risperidona, acrescentar mais esse daqui pela manhã e é isso, pronto, estão liberados. Tchau querido, não, não dá pra você levar o brinquedo.

Depois desse dia agradei muito por ter a oportunidade nesta vida de ser educadora. Não tenho palavras para tudo que aprendo, todo dia, convivendo com cada criança que é feita de um montão de histórias únicas e valiosas. A gente educador é como se fosse um desenhista do tempo, não é? A gente observa e concretiza no cotidiano nossos traços, que são tanto nossos, quanto de quem nos faz. E quem nos faz são as crianças que chegam, que passam, vão embora. E a gente vai ficando, volta diariamente por dever, mas também por escolha.

Portanto, nisso de transitar entre distintos lugares, seja por conta da densidade, complexidade, transitoriedade, rapidez, vagareza, enxergo extremidades. No final do dia quando entro em casa tento não pensar tanto no trabalho para enfim, aproveitar com meu pequeno, estudar e pesquisar coisas outras que não se relacionem tanto com o que tenho vivido na casa de acolhimento. No entanto, não sei se por acaso ou destino, não há maneira de fugir do que nos transpassa. Sendo assim, de olhos mudados, tudo que me chega acaba de alguma maneira se conectando com os educandos que cruzam seus caminhos com o meu e em mim se desenharam. No livro Territórios da Invenção, em dado momento há uma colocação sobre a cartografia dos bebês, e os desenhos que nascem a partir de suas primeiras comunicações no mundo, com as mãos e curiosidades primeiras que instintivamente se desdobram em rabiscos, linhas, caminhos, pontos de partida. Quase impossível não relacionar esses desenhos que cada um traça conforme sua realidade, com os olhos de um bebê que chegou no abrigo, me cutucando lá dentro do peito. Quando peguei ele no colo aquele olhar fincou mesmo, olho de jabuticaba que nem o do meu filho. 9 meses. Cada vez que eu me lembro vem lágrima. Não tem como separar. As irmãs falaram que ele mama no peito. As gurias da cozinha trazem uma mamadeira, dou a ele, louco de fome, de novo vem meu filho na cabeça. Esse momento de início de vida, de chegada no mundo, ou em qualquer lugar que seja, tem tudo a ver com desenho, que tem tudo

a ver com descoberta, com desconforto também, pois o começo é sempre um emaranhado de incertezas.

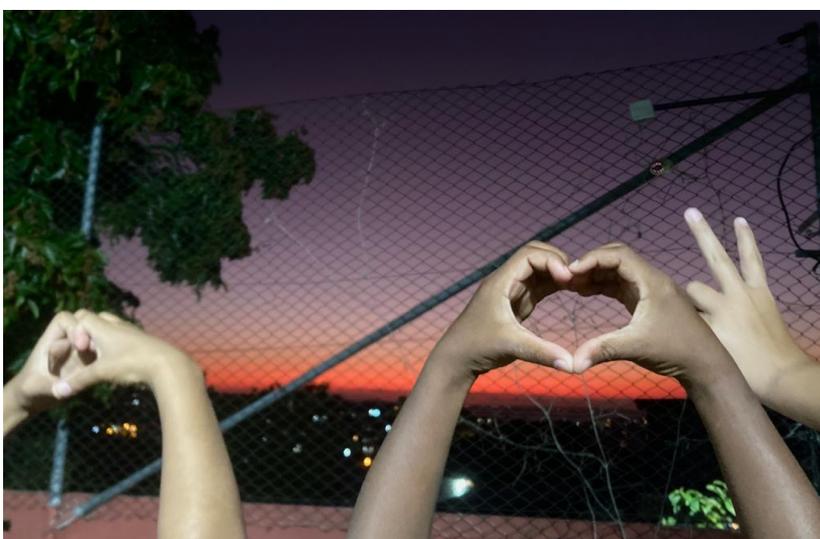
No entanto, ao passo em que necessito por para fora o que tem me atravessado neste lugar, me questiono nos porquês em trazer relatos sobre o abrigo na escrita. Primeiro existia uma certa preocupação em separar cada lugar como se fosse um compartimento. Aqui funciona assim, lá assado. Escola é uma coisa, abrigo outra. Só que tem eu no meio. Que não me compartimentalizo. Sendo assim, por mais que cada uma das instituições se configurem completamente diferente no espaço, bem como as densidades que ao adentrá-las se diferem demais, a maneira de encarar a educação se fortifica quando há no cotidiano um fluxo intenso de presenças e histórias de vida que escancaram a realidade que nos estrutura enquanto sociedade. Escancaram pois são inúmeras situações de negligência, violência, abuso sexual, violação de direitos, que apesar do “cada caso é um caso” onde as narrativas são únicas, situações se repetem em uma ampla escala. E o que fazer, portanto, com essas narrativas? De que formas compartilhá-las, sem expor identidades, sem apropriar-se, mas ao mesmo tempo com o intuito de questionar a normalidade com a qual as violações acontecem? Quais as relações existentes entre a chegada e partida na casa de acolhimento? O que cabe ao educador? Como se dão os desenhos traçados neste lugar? Como o tema da identidade étnico racial pode apontar caminhos? Mais perguntas que nascem na trama desta pesquisa e vão sendo respondidas ao longo da escrita.

3. QUAIS MEUS PAPÉIS ENQUANTO ARTISTA E PROFESSORA DE ARTES?

3.1 Quem me ensina

Eu desenho e te olho, não no olho de verdade, mas no rabisco que fiz no papel. Pois tu já foi embora. Me apego rapidinho a uma pessoa, basta aquele encaixe no olhar, sabe? É coisa nossa. Quanta gente passa aqui. Tem gente que vai ficando, outros chegam, nos desenham e já vão, muitas vezes não dá nem tempo de despedir. Tem você, dona. Assim que tu me chamava né? Fugiu. Partiu da maneira que a conheci, transgredindo. Todas as barreiras. Mulherona agilizada. Quase 18 anos. Já tinha até casado. Não tinha ruim, não aceitava desaforo nenhum, fazia barraco, um dia quebrou umas coisas de raiva, por briga que não lembro mais o motivo. Acontece que esse tamanho que a gente valora o que nos cerca é muito de cada um. Então qualquer detalhe, por menor que seja, pra mim, pode ser um motivo de conflito, grande de grandioso, de gritaria, soco, quebra pau, bateção de porta. Depois tem choro e muita conversa, às vezes mais embate e ausência de diálogo, depende da pessoa. Tu gostava de trocar ideia comigo, ficaria horas escutando tuas histórias. E no tempo que ficou com a gente, que foi muito, considerando tua vida feita lá fora, me marcou demais. Aguentou firme vários anoiteceres.

Figura 9: Entardecer no abrigo, maio de 2023



Fonte: Acervo da autora.

Esse momento que o sol baixa, a transição do dia pra noite, gera curiosamente uma baixa nas pessoas ali dentro. Bate um desânimo que é coletivo, cada um com sua bagagem de vida encara o cotidiano lá de um jeito, que nem o menino de agora, ontem mesmo me dizia, que saudade da minha liberdade sora, aqui parece que eu tô trancado com correntes de ferro. Mais uma noite presa nesse lugar, dizia ela. Várias falas me vem à mente, me leva contigo sora, pra ti é fácil dizer né, depois tu volta pra casa. E é verdade. Eu admiro demais cada criança que se refaz todo santo dia, que brinca, que trama, que segue sonhando, mesmo com esse jogo truncado de gente grande.

Figura 10: Recortes da infância, Colagem sobre madeira, 2020



Fonte: Acervo da autora.

Existe uma ânsia intrínseca em querer saber sobre o futuro, tu entra lá e não sabe quando vai sair. Se vai voltar pra casa, se vai pra outro lugar. Se vai demorar 2 dias, 1 semana, mais de mês. Imagina isso, essa incerteza, dentro da cabeça de uma criança? Vendo assim eu entendo toda briga de todo dia, porque todo mundo lá precisa descontar justo isso, esse descontentamento com o presente. E pra gente que tem pra onde ir, obviamente que é fácil dizer. Quem educa faz o que com a realidade que se apresenta? É coisa complexa, viu?

Quando termina o dia vem um punhado de perguntas na cabeça: Que que eu

faço com tudo isso que tenho aprendido? São tantas pessoas, tantos cruzamentos e encontros, que não há jeito de passar batido. Preciso registrar o que acontece de algum jeito no papel. E cabe aqui. Tem que caber. Uma monografia é um fim. E para finalizar algo é necessário dar-se por conta de quem construiu esse caminho. Confesso que às vezes tenho vontade de fugir. Não por descaso, mas por não querer que acabe. Mapear pontos de partida envolveu compreender que na realidade, a vida que lá no antes eu queria conhecer e explorar no microscópio, seja da planta, do bichinho pequeno, do um pouco maior, era até fácil. Observar e analisar a vida como uma rede, a gente como parte do todo. Mas quando saí desse campo e decidi estudar a nossa vida, social e educacional, perdi o chão várias vezes. Paralisei. Chorei. Porque se deparar com a realidade assim, nua e crua, e estar frente a frente com a podridão humana, por assim dizer, para pegar leve, é no mínimo desestabilizador. No lugar onde estiver, seja em uma instituição de acolhimento, de ensino, um espaço escolar, em ateliês, museus, enfim, trabalho pela garantia de direitos. Pois toda criança deveria ter sua infância garantida. No entanto, isso envolve ter uma estrutura familiar, acesso à saúde, saneamento básico, água potável, educação de qualidade. E, nossa sociedade, estruturada a partir da branquitude e de um sistema patriarcal de poder, é fadada ao fracasso. Neste lugar o qual chamam abrigo, chegam a todo tempo crianças privadas de sonhar, com seus direitos completamente violentados. Elas são a prova mais pura de que fracassamos enquanto sociedade. Cada história de vida que pude conhecer rompeu com alguma estrutura que me sustentava. Tantas passagens, muitos ensinamentos. Na tentativa de fazer um mapeamento de quem me ensina, tracei algumas rotas, onde comecei a desenhar retratos de pessoas que cruzam seu caminho com o meu. Primeiramente, retratei um aluno, numa proposição da disciplina de desenho.

Figura 11: Quem me ensina. Argila, carvão e giz sobre papel, 66 x 96,5 cm, 2022



Fonte: Acervo da autora.

Após, por ausência de tempo e espaço, comecei a fotografar retratos de pessoas que me ensinam, para além de meus alunos. Amizades, professoras/es, família, colegas de profissão. No meio do caminho, mudei de trabalho, de uma instituição escolar, para uma casa de acolhimento, assumindo o papel de educadora social. Novos retratos foram sendo feitos, de educandos que me ensinam cotidianamente a ser educadora, uma figura que está sempre em construção. Tem sido um exercício franco de registrar afetos e vínculos. De mapear o que tenho aprendido nos últimos meses, a partir de uma das partes que mais marca nossa identidade enquanto pessoas, o rosto. Materiais distintos, a depender do dia, da experiência trocada, das marcas e pedaços que vão ficando. Alguns desenhos foram feitos de aquarela, com cores específicas, pois são pura saudade e me desaguaram em muitas partes. Outros de carvão, mais dureza para encarar o que vem pela frente. Outros mistura de cores, contrastes, faceirices, seriedades. São retratos que compõem graficamente a finalização (ou início) desta pesquisa.

Figura 12: Quem me ensina (em processo), 2023



Fonte: Acervo da autora

3.2 Por que educação étnico racial como base?

Celebro um ensino que permita as transgressões - um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade.
bell hooks

Compartilho, durante as próximas páginas, alguns pontos importantes em minha trajetória acadêmica que tecem e justificam os motivos em realizar esta pesquisa com base na educação para as relações étnico raciais. Escolhi primeiramente, dois trabalhos feitos no ateliê de desenho, que dizem muito sobre quais papéis assumo enquanto educadora. Analisar meu processo criativo para compreender onde quero chegar. São estudos sobre territórios e versam questionamentos acerca de como construímos nosso ponto de vista. Cada um vê de um jeito, e é isso que me fascina na arte, juntamente com sua possibilidade de transformar a maneira como enxergamos, tanto nós mesmos quanto o mundo, grande, pequeno, ao avesso, cheio de maravilhas, tenebroso, a depender de quem o vê. Em estudos sobre territórios I, desenvolvi uma colagem a partir de desenhos de observação de folhas da pitangueira.

Figura 13: Pitangas da vó, Cerro Largo - RS, 2021



Fonte: Acervo da autora.

Por ser uma planta da flora nativa brasileira, amplamente difundida, seja pelas ruas ou quintais de casa e, também, por um outro motivo especial. Sua disseminação ocorreu graças à sabedoria indígena, unindo o respeito e cuidado à natureza com o conhecimento botânico, para que a planta se propagasse tão amplamente. Isso aconteceu com diversas espécies de grande uso em nosso cotidiano, como a erva

mate. A paisagem do território brasileiro foi desenhada pelos povos indígenas. Trago algumas palavras do artista Jaider Esbell que dialogam diretamente com o estudo em questão:

Meu povo tem tradição oral, somos exímios contadores de histórias. Nossos mais velhos sempre desenharam nas pedras como forma de integrar as potências dos signos para gerar comunicação. Assim, viemos caminhando no mundo desde os tempos imemoriais. Para nós, tanto arte como literatura, e mesmo as artes visuais, integram um corpo uno de mídia, que aplicamos em nossas dinâmicas de passagens pelo mundo – tanto em nossa própria relação interna, enquanto povo, quanto para nos relacionarmos com povos vizinhos de outros troncos (Esbell, 2021, documento eletrônico).

Pode ser só mais uma entre tantas árvores, passar despercebida por muitos olhos. Mas cada planta tem seu valor, sua potência, sua história. Se olhar bem de pertinho, parece que são veias por dentro das folhas. São translúcidas. A seiva circula a todo vapor, é puro movimento, mesmo que por fora não aparente. O que nossos olhos captam e o que não dão conta de ver. Na contemporaneidade, os ritmos são tão velozes que nos distanciamos cada vez mais do compasso da natureza e de nossos próprios tempos internos. E a educação para as relações étnico raciais nos possibilita compreender estes tempos a partir de diferentes culturas, sejam elas indígenas, quilombolas, das religiões de matriz africana, direcionando-nos a um território de encontro, de partilha, de horizontalidade e coletividade.

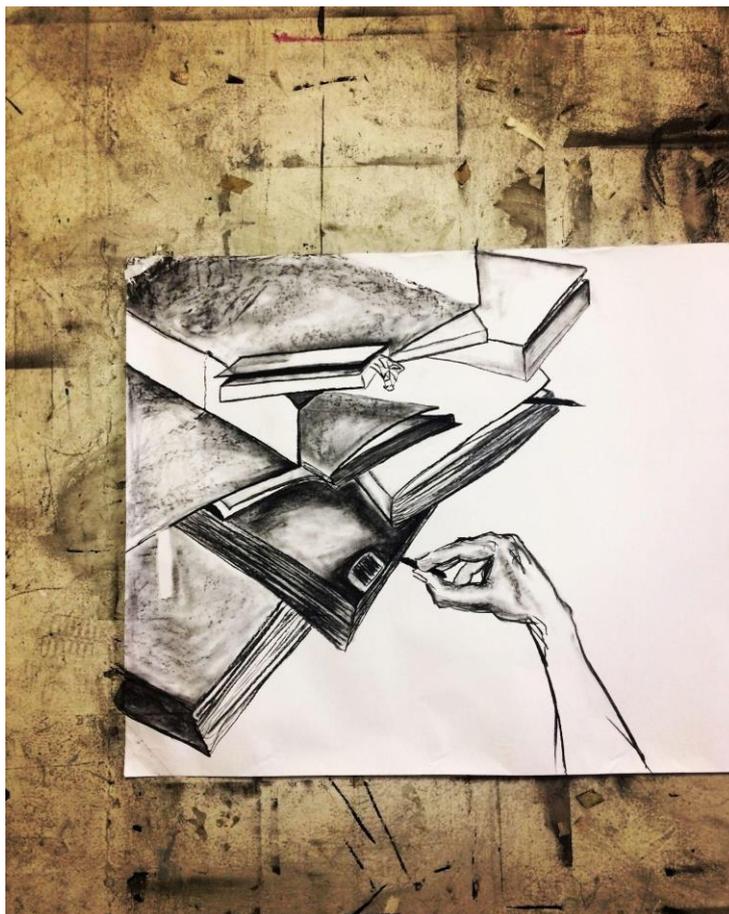
Figura 14: Estudo sobre territórios I, colagem e carvão sobre papel, 60 x 90 cm, 2019



Fonte: Acervo da autora.

No segundo trabalho, migrei das folhas para o concreto. Atentei-me ao chão onde se pisa e suas relações com assuntos que ficam nas entrelinhas, por de baixo dos degraus. Na época, a proposição era escolher um objeto pessoal de importância para exercitar o desenho de observação. Entre o centro e o campus do Vale, cruzava a cidade cheia de indagações com um livro na mão. Durante aquele ano, o li e reli diversas vezes. Um livro denso, chamado *O que é racismo estrutural?* (2018), de Silvio Almeida, o qual compõe a base desta pesquisa. Não consegui pensar em outra coisa, senão este objeto de grande valia, que me acompanhou e transformou minhas maneiras de compreender como a sociedade funciona em suas entranhas. Esta busca em entender o mundo a partir de outras perspectivas se deu de maneira intuitiva e contínua, pois cada vez que adentrava em uma sala do Instituto de Artes, seja para escutar sobre história da arte, fundamentos da linguagem visual, ateliês num geral, ou em disciplinas da educação, os pontos de vista partiam sempre de um mesmo lugar.

Figura 15: Estudo sobre territórios II, carvão sobre papel, 60 x 90 cm, 2019



Fonte: Acervo da autora.

Referências artísticas e teóricas em sua totalidade brancas, européias ou norte-americanas. História da arte brasileira idem, mesmo que em nosso país a maioria da população seja negra. Não é possível que só tenham existido pessoas de cor da pele branca que fizeram e fazem arte no mundo, que só exista essa perspectiva. Cada vez reafirmava a importância de compreender de fato a história que nos constrói, as estruturas sociais que nos moldam, tanto por conta de meu trabalho como artista, quanto como professora e arte educadora, lidando diretamente com formação de modos de pensar e toda a responsabilidade que nossa profissão requer. Sendo assim, ao longo da graduação busquei me aprofundar no tema da identidade étnico racial e encontrei afago nos escritos do antropólogo Kabengele Munanga. Principalmente por trazer de maneira nítida em sua escrita uma espécie de esmiuçamento da formação identitária do Brasil, tramada a partir de vários nós, sejam eles históricos, linguísticos, culturais, político ideológicos, raciais, que dialogam com a escola. Desde então, vários caminhos surgiram, a partir de referências do autor, as quais tenho me debruçado e

com elas seguirei aprendendo e me aprofundando enquanto por aqui estiver.

E, uma das certezas que esta pesquisa originou é a de que não posso entrar na sala de aula reproduzindo um único ponto de vista. É o que a branquitude tem feito e como opera durante séculos, homogeneizando nosso pensamento. Como recriar, portanto, o(s) pensar(es) na escola?

3.3 Experiências e práticas educativas na escola

O sistema educacional funciona como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis de ensino brasileiro - primário, secundário, universitário - o elenco das matérias ensinadas constitui um ritual da formalidade e da ostentação das salas da Europa e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira, no currículo escolar? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras?

Abdias Nascimento

Continuo sendo sonhadora. E desde que pisei na escola pela primeira vez, enxergo nela um território de sonhos. Digo, não como aluna, mas como um meio termo de repente, nesse lugar entre, onde não sou mais aluna, mas também não sou professora de fato. Um exercício para ser. Só que nesse exercício, já se é. E quem eu fui como pessoa, diz muito sobre quem vou ser, e estou sendo, como professora.

Então pensar a escola, escrever sobre o que enxergo e almejo trabalhando com educação, tem sido um rascunho. Onde me vejo, depois desvejo. Desejo também.

E o que desejo, afinal de contas? Faltam alguns dias para finalizar o curso. Na escola estou só começando. O que faço com tudo que nela está ao avesso? Se a arte é uma forma de pensamento, almejo um ensino pensado a partir da valorização étnico racial. É uma utopia? Aprender a partir de um currículo que transgrida fronteiras, que as disciplinas dialoguem entre si e os distintos pontos de vista que envolvem a construção do conhecimento sejam sinceros com a realidade. Pois ela não é única e universal. Não é uma linha reta. Bem como a linha cronológica do tempo. Para conversar comigo, encontrei um artista chamado Alisson Damasceno⁸. Seu trabalho encaixa com a maneira que tenho interpretado a escola. Em sua série intitulada *Eu*

⁸ Vive e trabalha em Belo Horizonte - MG, seus trabalhos se desenvolvem a partir de intervenções no universo da educação onde atua como artista/professor, se apropriando de várias linguagens artísticas no desenvolvimento das obras que tem a participação dos estudantes.

ainda acredito, ele relata que: “é a semente plantada para o surgimento de um porvir onde cada um possa se desenvolver ao seu modo a partir de sua singularidade em um sistema que parece não abrir mão de um problema já estabelecido e aceito pela sociedade: o controle dos corpos pelo poder público e o estado” (Damasceno, 2022, documento eletrônico). Encontro aqui um ponto que entrelaça os lugares pelos quais tenho transitado, uma resposta para perguntas de capítulos anteriores

Figura 16: Série *Eu ainda acredito*, Alisson Damasceno, acrílica e látex sobre tecido, 160x120 cm, 2022



Fonte: Damasceno (2022, documento eletrônico).

No final das contas, o referido controle dos corpos pelo Estado é, talvez, uma das possíveis conclusões desta pesquisa. Tive, ao longo da escrita, a impressão de trazer muitos questionamentos ao mesmo tempo, de contextualizar o cotidiano que me faz extrapolando bagunçadas ideias. Nasceu um broto de preocupação em direcionar os assuntos, numa tentativa de não misturar a educação que se faz em casa, com a que é feita na escola, com a que é feita em uma casa de acolhimento

específica. Porém, são tantos os pontos que se cruzam, geram nós, alguns soltam, outros perduram. Como em uma trama mesmo, de traços, compassos. Se desenhar no papel um rabisco e tentar juntar uma extremidade com outra, o que acontece? Pode dobrar, recortar, reconstruir. Escola e casa de acolhimento, extremidades opostas, no fundo se unem, pois são ferramentas de controle, de um Estado que é estruturado a partir da branquitude. Ou seja, os mecanismos para que esse controle se perpetue, atuando diretamente na identidade de cada pessoa, são, apesar de muito bem configurados, falhos. Ao passo que ditam as regras e almejam educar, não chegam à grandeza da palavra educação, pois a confundem com controle. E entre educar e controlar há uma infinita diferença.

No entanto, reconheço muitas sementes plantadas em mim, vindas de distintos territórios, as quais assumo a responsabilidade de cultivar, para que haja continuidade, quase vislumbrando um ecossistema. Na cadeira ali de cima, tem uma planta, mas quantas espécies são possíveis de nascer? Nas cadeiras todas que compõem a escola. Na sala dos professores, será que há terreno fértil? Como desenvolvo esse modo de ser eu mesma, artista, professora?

Esses modos apontam caminhos sobre de que maneiras ensinar arte, enquanto forma de pensamento. No mínimo preciso ter nitidez sobre como fui ensinada a pensar. O que implica caminhar por dentro, traçar rotas, desviar, retornar, despedaçar, colar de novo. Também, compreendendo minha identidade e suas implicações no dia a dia, onde a teoria se faz de verdade. Me enxergar branca, pertencente a essa raça que não tem nome pois é tida como normal, e que, sou parte de uma estrutura social que com tanta normalidade executa a ideologia do controle, com o pressuposto de manter a ordem, me causa repugna. Não me identifico com a branquitude, mas sou parte dela.

Ao longo da graduação, nas escolas as quais tive a oportunidade de ser bolsista, seja pelo PIBID (Programa de Iniciação à Docência), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) ou CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), desenvolvi projetos e proposições tendo como base a educação para as relações étnico raciais. Não como tema a parte do que vinha sendo trabalhado em sala de aula, mas como uma ampliação daquilo que se construía dentro do processo de aprendizagem escolar. Sendo ponto de partida o cumprimento da Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003, documento eletrônico), que assegura e garante a Educação para as Relações Étnico-Raciais, estabelecendo a

obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, dentro das disciplinas de artes, literatura e história. Foram diversas experiências que, uma após outra, reforçaram a importância da continuidade em trabalhar a partir desta perspectiva. Abaixo estão algumas imagens que registram este percurso em construção.

Figura 17: Zine Quem inventou a Religião de Matriz Afro? Desenvolvido durante a bolsa de extensão CAPES no Colégio Aplicação UFRGS, 2019



Fonte: Acervo da autora.

Figura 18: Registros do projeto desenvolvido na disciplina de Estágio II: Zine como disparador de aprendizagem para conhecer trajetórias artísticas a partir de uma perspectiva decolonial, junho de 2022



Fonte: Acervo da autora.

Figura 19: Desenho de observação e aquarela - flores do maracujá, 2022



Fonte: Acervo da autora.

Figura 20: Pintando mundos, 2022



Fonte: Acervo da autora.

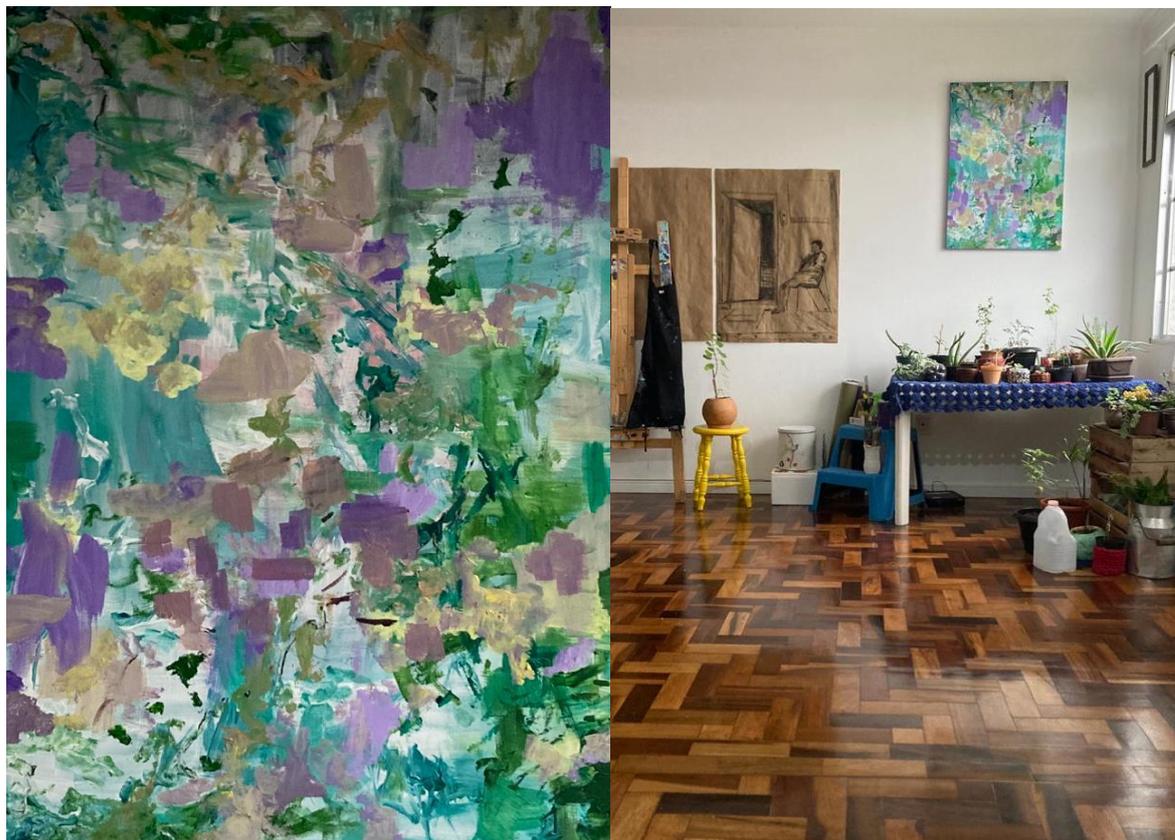
Figura 21: Projeto a gente de barro, 2022



Fonte: Acervo da autora.

3.4 Desenho como ponto de chegada

Figura 22: Limites. Acrílica, carvão e esmalte sobre tela, 60x90cm, 2023



Fonte: Acervo da autora.

Começo este capítulo com uma pintura que fizemos eu e meu filho. Está pendurada na nossa sala, estamos aprendendo sobre limites a partir da arte. Pensar onde chega uma cor, até que ponto ela vai e se mistura com outra. Por baixo de toda cor, estão as origens, traçados de carvão, desenhos que configuram territórios em um pequeno pedaço de tecido. Que territórios são criados a partir da tinta? Percebo que na busca de pontos finais, as respostas extrapolam qualquer tentativa de encaixe em uma única linguagem, seja o desenho em si, a pintura, a fotografia. Encontrei sentido em um trecho de Stela Barbieri (2021, p. 101):

A cartografia não é linear. Não busca a solução em um ponto final, não tem destino certo. Ela se dá na presença, em um refletir atento ao que acontece, um movimento que não cessa. Isso não quer dizer que não precisamos fazer escolhas. Justamente porque o processo cartográfico abre campo para tantos lugares possíveis, ele requer uma atenção aguçada para a construção de caminhos que possam criar adensamentos de significados que não restrinjam o processo a uma linearidade fechada.

O início da pesquisa se deu a partir de uma tentativa em mapear caminhos. E como imaginava, não finda aqui. Foram abertos os campos e a percepção cotidiana tem sido aprofundada. Escrevi sobre o antes, sobre o agora que já até foi embora. A arte é encanto e sussurra em meus ouvidos que ela existe para ensinar a enxergar além do que se vê. Cheguei aqui e me lembro de uma fala do artista Jaider Esbell, sobre a não linearidade do tempo. Dialoga com a intenção acima apontada, sobre não restringir o processo a uma linearidade fechada. Em um dos projetos na escola, onde desenvolvemos Zines sobre trajetórias artísticas, um aluno criou uma conversa com o artista no papel. Escreveu que tinha feito o Zine em sua homenagem, e esperava que ele o enxergasse, no lugar em que estiver. Desenhou várias velas em torno da imagem de seu rosto. De certa forma, a sensibilidade com a qual aprendemos a enxergar se funde com aquela coisa a qual mencionei lá no início da escrita. Isso que nos faz ser quem somos mas não é feito matéria. Une o que já foi com o agora e com o que ainda vai ser. Pode ser utopia, mas desejo que, de algum jeito, você saiba que plantou muitas sementes pelo mundo, uma delas está a crescer em mim. Esta pesquisa é a prova viva disso. Não sei como finalizar este texto, não acabou de verdade. Somente por conta do cumprimento do prazo. O tempo corre ou sou eu quem corro por dentro?

Quando eu era pequena prometi para mim mesma que quando crescesse não seria como os adultos que vivem sem tempo de tudo. E cá estou. Prometi também que confiaria em cada criança que em meu caminho cruzasse. Assim tem sido. De tudo que tenho aprendido, um punhado de palavras se eterniza aqui. Esses dias conversava sobre os passarinhos no trabalho, e um educando me perguntou como era o canto do sabiá. Mostrei assobiando e ele fez igualzinho. Vieram mais algumas crianças e juntos ficamos assobiando, conversa criada sem uma palavra sequer, com aquele riso sincero no canto do olho. Foram surgindo outros cantos, o bem te vi era o mais conhecido. Passarinho também é desenhador do meu pensamento. Me ensina a voar longe, e talvez por conta disso a pesquisa tenha tomado rumos variados, dispersão por vários lados. Ainda que haja a sensação que deveria aprofundar-me em respostas, vejo que os primeiros passos aqui estão mapeados. E como em um desenho, mesmo quando já foi feito, se olhar novamente sempre tem algo a acrescentar. Mais coisa pra desenhar. Acabou não. Está só começando.

Figura 23: Jaider Esbell, Maikan and Tukui (Raposas e Beija-flores), 2020

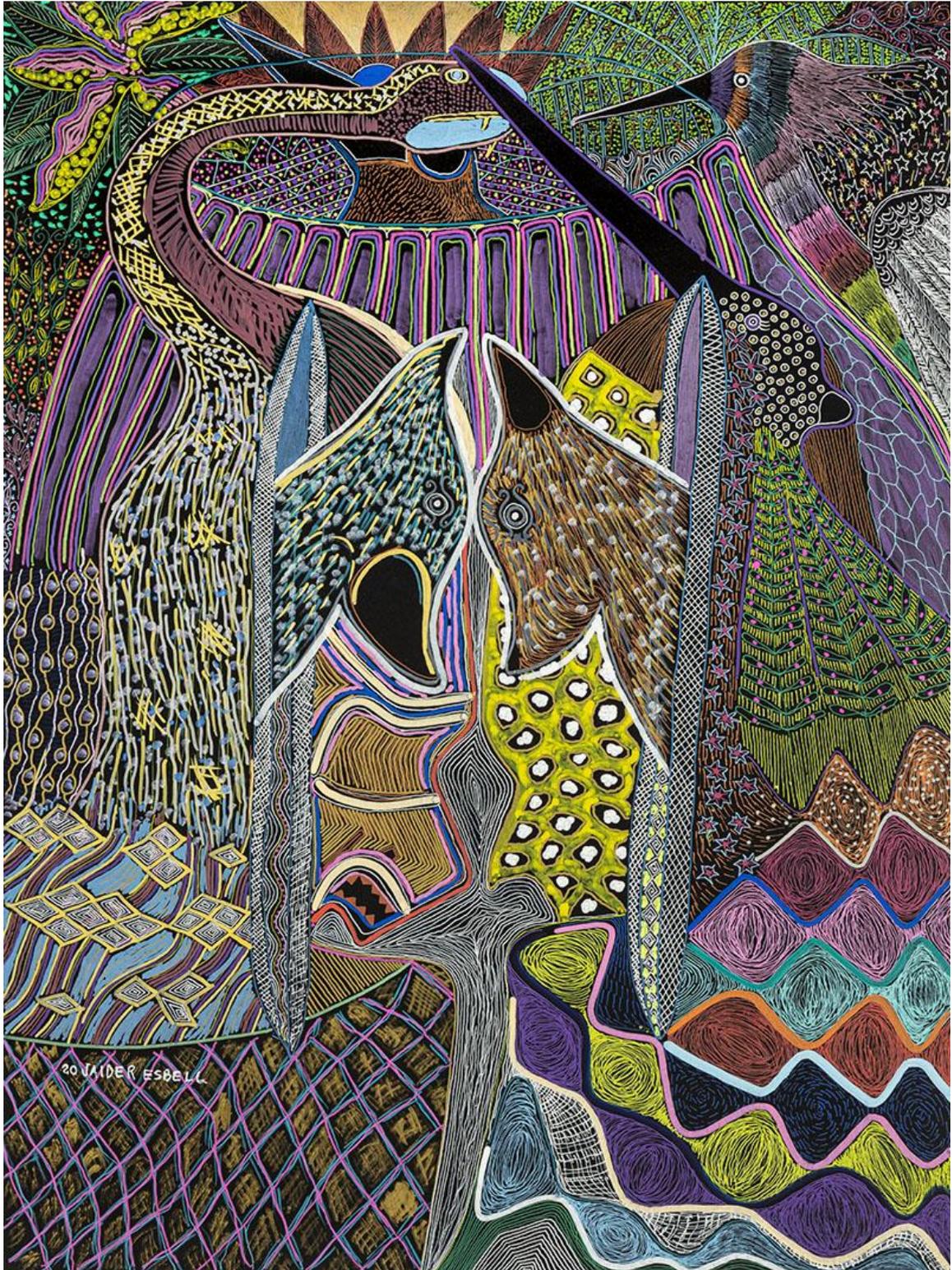


Foto: Jaider Esbell (2021, documento eletrônico).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. L. DE. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção: ateliê em movimento.** São Paulo: Jujuba, 2021.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Orientações técnicas: Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes.** Brasília: CONANDA, 2009.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 12 set. 2023.

DAMASCENO, Allison. Artistas. **Feira Livre de Arte Contemporânea – FLAC, 2022.** Disponível em: <https://flac.art.br/artistas/alisson-damasceno/>. Acesso em: 12 set. 2023.

ESBELL, Jaider. Maikan e Tukui [Raposas e beija-flores], 2020. **Pipa Prize, 2021.** Disponível em: https://www.pipaprize.com/paq/jaider-esbell/je20-030-t-gm_r9a0020-daniel-jabra/. Acesso em: 05 set. 2023.

ESBELL, Jaider. Contemporary and: conversa com Jaider Esbell. **Millan Art, 2021.** Disponível em: <https://millan.art/textos/contemporary-and-conversa-com-jaider-esbell/>. Acesso em: 12 set. 2023.

ESBELL, Jaider; GONZATTO, Camila. Conversa com Jaider Esbell “Também temos o que mostrar: a nossos modos, com nossos protocolos”. **Amlatina Contemporary And, 03 mai. 2023.** Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/jaider-esbell/>. Acesso em: 05 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 69. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GOOGLE MAPS. [Sem título]. **Google Maps, 2023.** Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/dir/Frederico+Westphalen,+RS/Porto+Alegre,+RS/@-28.6895011,-57.5537664,6z/data=!4m13!4m12!1m5!1m1!1s0x94fb9e06cbfd93c5:0x88889676991b518d!2m2!1d-53.3993835!2d-27.3587196!1m5!1m1!1s0x95199cd2566acb1d:0x603111a89f87e91f!2m2!1d-51.2089887!2d-30.0368176?entry=ttu>. Acesso em: 12 set. 2023.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo: Elefante, 2020.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Docência artista**: arte, estética de si e subjetividades femininas. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 207 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MOSSI, Cristian Poletti. Notas disparadoras para criação de projetos de ensino em educação das artes visuais. **Cadernos de pesquisa**: pensamento educacional. Curitiba, v. 11, n. 29, p. 133-150, set./dez. 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181782>. Acesso em: 05 set. 2023.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva. 2018.

SANTANA, Olívia. Sobre mulheres, literatura e emancipação. **Geledés**, 24 mai. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sobre-mulheres-literatura-e-emancipacao/>. Acesso em: 05 set. 2023.